

J. 10/174

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Literarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA
Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
21 DE OUTUBRO DE 1907
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

OS NOSSOS

C. B. P.

COSTA JUNIOR
Doenças dos Olhos
R. Nova do Almada, 64, 1.º—Da 1 ás 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clinica Geral—Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGLÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º—D.
Consultas das 10 ás 11

A. Marques Antunes
ALFAYATE
Fazendas nacionaes e estrangeiras
Fatos á paizana e á militar
275, Rua Augusta, 1.º D.—v.ª casa vindo do Rocio á direita.

CINEMATOGRAPHOS
Vendem-se e alugam-se machinas, fitas e demais pertencas. Para tratar: E. CUSTODIO.
Rua do Bemfornoso, 110—LISBOA.

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receptuario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo Instituto



D'uma familia de artistas
Que é deste Reino uma gloria,
Faz para a Arte conquistas
Pintando feitos da Historia.

JANUARIO & MOURAO
Ourivesaria e Joalheria

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A
Compra e vende joias com brilhantes, antiguidades, pratas, barras d'ouro e moedas d'ouro e prata.

Elisa Vargas Pedrosa
ATELIER DE VESTIDOS
R. DA PRATA, 185—2.º LISBOA
Especialidade em enxovaes para noivas
LINDAS VARIEDADES EM APPLICAÇÕES
Ultimos figurinos de Paris, Londres e Berlim

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes

GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.ª, D.—Lisboa.

ADELAIDE CABETTE

MEDICA

DOENÇAS UTERINAS

R. da Prata, 153, 2.º

Consultas às 2 da tarde

Grandes Armazens do Globo Vermelho

DE

José Augusto Ventura

Especialidade em tecidos lisos e de phantasia em lã e algodão para vestidos. Sedas, Mantilhas, Espartilhos, Sombrinhas, Leques, Lençaria de seda e de lã, Chales, Meias e Piugas em seda e algodão, Malhas, Cobertores e diversos artigos de abafo, em phantasia e liso. Zephires e Panamás.

Camisas, Ceroulas, Punhos e Collarinhos. Sobretudos, Varinos e Capas á cavallaria.

Secções de Mercado, Alfayateria, Camisaria, Fanqueiro, Modas e Confeccões.

Secção especial de artigos para luto.

Fornecedores da Caixa de Soccorros dos Empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

ALFAYATERIA DO GLOBO VERMELHO

Rua dos Fanqueiros, 209 a 213

LISBOA

JOAQUIM REGO

ARMAZEM POPULAR

N'esta casa ha sempre grande sortimento de tazendas de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos crus. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.

CAPAS PARA SENHORAS

Preços sem competencia

154—RUA DA PALMA—156

LISBOA

JULIO GOMES FERREIRA & C.^A**Fornecedores da Casa Real**

82—RUA DA VICTORIA—88

Exposição permanente

166—RUA DO OURO—170

Installações completas para agua, gaz e electricidade.

Grande sortido de lustres em todos os generos.

A CONFIDENCIAL

Rua da Prata, 153, 2.º

BARBOSA & C.^A

Escritorio de commissões e de varios negocios de interesse publico. Empréstimos de dinheiro sobre letras e hypothecas. O fim d'este escritorio é facilitar a economia de tudo que demande tempo, dinheiro e incommodo. Trata-se de todos os assumptos e negocios de que os pretendentes desconhecem quaes os tramites a seguir quando não queiram incommodar-se ou, ainda, quando os seus affazeres lh' o não permitam.

Pedir na séde do escritorio a nota dos serviços que se prestam.

Atelier de Camisaria e Gravataria

ALFREDO MARIANNO G. DOS SANTOS

67, Rua de S. Roque, 67—LISBOA

Variado sortimento em ZEPHIRES INGLEZES

Especialidade em enxovaes para noivos e collegiaes

Peitilhos de piquet, linhos e pannos brancos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

VARIADO SORTIDO EM ARTIGOS DE MALHA

Encarrega-se de todo o trabalho de roupa branca para homem com a maxima perfeição

assim como bordados, concertos em camisas e engommados

SEMPRE NOVIDADES EM ARTIGOS ESTRANGEIROS

IMPORTAÇÃO DIRECTA

TABELLA DE CAMISAS E COLLARINHOS

Camisas com peito em pregas de zephir inglez, desde 700 a.....	1500 réis
Camisas com peito em pregas e com punhos de zephir inglez, desde 800 a..	15200 >
Camisas todas de zephir inglez, sem collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15100 a.....	25000 >
Camisas todas de zephir inglez, com collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15200 a.....	25000 >
Camisas com peito liso em bretanha de linho, desde 900 a.....	15200 >
Camisas com peito em pregas em bretanha de linho, desde 15000 a.....	15600 >
Camisas para casaca, com peito em piquet, desde 800 a.....	15600 >
Collarinhos em bretanha de linho, voltados para baixo e direitos, desde....	150 >
Collarinhos em bretanha de linho, ida e volta e de pontas, desde.....	160 >
Punhos em bretanha de linho de qualquer feitto a.....	250 >

Todos os trabalhos são executados com a maxima perfeição

DEPURATIVO

Antonio Dias Amado

(SEM MERCURIO)

Analysado pelos Drs. Jules Houdas, Chefe dos Laboratorios da Escola Superior de Pharmacia da Universidade de Paris; Girard; Chefe de Laboratorio Municipal de Chimica de Paris, Angelo da Fonseca, Cathedratico de Pathologia Cirurgica da Universidade Real de Coimbra e Charles Lepierre, Chefe dos Laboratorios de Chimica Biologica da mesma universidade; distinguido com as medalhas commemorativas do **Congresso Internacional de Tuberculose**, em sessão de 4 de Outubro de 1905; da **Sociedade de Medicina de Paris**, em sessão de 14 de Outubro de 1905; e da **Academia de Medicina de Paris**, em sessão de 17 de Outubro de 1905, authenticando as curas operadas.

Cura radical da Syphilis em qualquer periodo, da Morphêa, Chagas agudas e chronicas, Eczemas seccos e humidos, Ulceras cancerosas, Affecções do utero, ovários e systemas gastro-intestinal, Escrofulas, Tuberculose cutanea e ossea e de todas as molestias provenientes da impureza do sangue e da lymphã,

DEPOSITO GERAL

Pharmacia Luzo-Brazileira

LARGO DE S. PAULO, 20, 21, 22 = LISBOA

ALMEIDA CUNHA

Rua Formosa, 333 = PORTO



AGUAS MINERAES
DA

Fuente Nueva de Verin

(ESPIDO)

As melhores até hoje conhecidas para combater as doenças da bexiga, fígado, estomago, rins, etc. Já bem conhecidas por muitas pessoas que d'ellas teem feito uso.

A' venda em muitas pharmacias e drogarias

Grandes descontos para revendedores

Deposito geral para Portugal e Colonias

Drogaria de Silverio Ferreira da Costa — 229, Rua da Prata, 231 — LISBOA

NO PORTO — ANTONIO MARIA RIBEIRO — RUA S. MIGUEL, 27-A

ARMAZENS DO CONDE BARÃO A. DOS SANTOS MARTINS

*Fazendas - Alfayateria - Modas - Confeccões - Camisaria
Gravataria - Retrozeiro - etc.*

— **VER E CRER** —

Uma enorme Liquidação de Salvados

Completa liquidação de chapéus de chuva, meias, pannos brancos, lenços d'algodão e de seda, etc., etc.

ULTIMAS NOVIDADES — ELEGANCIA E ECONOMIA

Aos Armazens do Conde Barão

Dão-se senhas do Nacional Bonus Commercial

25, Largo do Conde Barão, 26 — LISBOA

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redação: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
21 DE OUTUBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura

(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »



CHÁ E TORRADAS



Quando as grandes cidades, como Lisboa, podem oferecer aos estrangeiros um clima excepcional, acompanhado por bellas naturaes que difficilmente se equalam, sente-se a imperiosa necessidade de dotar a nossa capital, com as commodidades e confortos a que estão habituados os *touristes* que viajam para se divertir e para gosar.

Essas commodidades e confortos, que á industria e commercio particular pertence estabelecer, não bastam porem; é preciso e indispensavel que os poderes publicos e a Camara Municipal, se não esqueçam nunca de que estamos em pleno seculo XX, em terra civilisada, em paiz que tem o direito de entrar no convivio das nações cultas.

Infelizmente não succede assim, e, esta bella terra que podia servir de exemplo, é a todos os momentos apontada como a mais evidente prova do desmazello e do desleixo.

Os *mac adams* poeirentos no verão, transformam-se em lameiros intransitaveis no inverno; as calçadas apresentam covas profundissimas e taes desnivellamentos que, um passeio de carruagem é verdadeiro martyrio. Se chove um pouco mais, succedem-se as inundações, porque a canalisação não tem a capacidade precisa para dar vazão ás aguas;

á sahida dos espectaculos a vassoura municipal enche-nos o fato de poeira e os órgãos respiratorios com todas as castas de microbios; a gatunagem campeia desenfreada por toda a parte e se não temos ainda os *apaches*, como em Paris, não tardarão, certamente, em vir mostrar-nos as suas habilidades.

Tudo isto não dá, realmente, motivo para apregoarmos as nossas bellezas e as nossas commodidades, que soffrem desagradavel desmentido á mais ligeira observação do viajante que passa e vae dizer, para toda a parte, que a nossa civilisação não largou ainda as farchas da infancia.

Mas ha mais ainda.

O bom gosto, a esthetica, são absoluta e completamente desconhecidos entre nós e a cada momento vemos as maiores barbaridades nos melhoramentos publicos.

Quando se lembraram de fazer o calcetamento dos passeios que cercam o theatro de D. Maria, um dos melhores edificios da cidade, não tiveram o bom senso de os empedrar escolhendo um desenho qualquer e fizeram-nos simples e mal, e lá ficaram destoando por completo dos lados e centro da praça de D. Pedro.

E, se perguntarem ao auctor d'aquelle calcetamento a razão porque não quiz que á frente d'um edificio tão bom houvesse um passeio bonito, não nos sabe responder. Mandou-se fazer a obra mas não se pensou como devia ser feita e ficou... um disparate.

As grandes avenidas, ultimamente abertas, estão bordadas de construcções cheias de defeitos, sem elegancia, sem uniformidade, com uma architectura de phantasia, que podia, ao menos, ser bonita, mas que é horrevelmente desastrosa dando-nos a impressão d'um verdadeiro cahos architectonico. Não ha um edificio monumental, um predio que mereça dois minutos d'atención, uma fron-

taria que se destaque pela pureza de linhas, pelo agradável do conjuncto.

Quanto mais grandiosa não era a architectura pombalina, apesar das suas aguasfurtadas e das suas portas e janelas sem a largura indispensavel para boa ventilação!

Ha, porem, uma barbaridade recente que me deu no gôto: a ponte que vae atravessar a avenida Ressano Garcia para dar passagem aos comboyos da Companhia Real.

Todos conhecem a passagem de nivel de Entre-campos, incommoda, difficulando extraordinariamente o movimento de peões e de vehiculos que alli é bastante grande; todos conhecem tambem o viaducto que actualmente corta a avenida Ressano Garcia, um pouco adiante da praça do Campo Pequeno. Todos sabem igualmente que, ha pouco, se resolveu cortar por uma ponte de ferro, mais ou menos floreada e cheia de arabescos, a formosa avenida que partindo da praça do marechal Saldanha segue em linha recta até ao Campo Grande. Vão entulha-la com um monstro de ferro, mataram-na; o que podia ser grandioso e bello, fica acanhado e feio. E porque?

Porque a esthetica entre nós é totalmente desconhecida.

Pois não seria melhor abrir trincheira para a linha ferrea desde o vale de Chellas até á baixa de Campolide?

Não se evitava por este modo a passagem de nivel Entre Campos e o córte da avenida?

Evitava sem a menor duvida; custava mais caro do que a ponte cheia de volutas e rendilhados, é certo, mas ficava a capital com a mais bella avenida da Europa e Lisboa poderia orgulhar-se de a possuir.

Assim, o que vae fazer-se é simplesmente... uma porcaria.



NOTAS CIENTIFICAS E INDUSTRIAES

CHRONICA

Tem-se fallado muito em França nestes ultimos tempos, em fazer um cimiterio destinado aos cães, mêsmo dentro de Paris, argumentando-se que o existente na ilha *des Ravageurs em Asnières*, não chega para as encomendas. Pró e contra a existencia d'estes cimiterios, os sabios higienistas aduzem razões diversas, as mais contrarias e discordantes.

O Dr. Couppé de Lahongrais considera a instituição anti-higiênica e contraria á moral. O malogrado Pietra Santa era d'opinião absolutamente contraria e dizia: «Os cadaveres dos animaes constituem, a maioria das vezes, um grande perigo. No campo é tarefa relativamente facil desembaraçarmo-nos d'elles, uma pá e uma enxada fazem a festa, mas nas cidades é impraticavel o mesmo processo».

Mallebrun de Senlis, chama ao cimiterio dos cães: «uma profanação indecente».

Foveau de Courmelles exclama:

«Parece impossivel que ainda haja alguém que desconheça as vantagens dos campos de repouso para os animaes».

Opinião de De Galles: «ainda heide ver essa turba de piégas rezarem rezamos á beira da sepultura dos caniches». — O Dr. Guyot responde triumphantemente, a nosso ver, a todos que se opõem á realisacão do melhoramento, com as seguintes justissimas palavras:

«Esta medida que realisa um tão alto progresso higienico, nem por sombras afronta os mais elementares principios de moral. Não é, realisando alguma coisa em favor do *melhor amigo do homem*, que os sentimentos da humanidade se desviam do verdadeiro caminho, nem se compreende que, moralmente falando, um homem péque por seguir o que é aconselhado pelas leis da hygiene».

Os ingleses ha muito que instituiram na sua ilha os cimiterios para cães.

E ninguem protestou.

— Foi em Turim que, em 1904, se montou a primeira fabrica italiana de automoveis. Em 1906 existiam já, na mesma cidade 37 oficinas e hoje ha, espalhadas pelos diversos centros industriaes d'aquella nação 115 fabricas representando um capital de 193 milhões de liras.

— Estão-se construindo póstes telegráficos de vidro, reforçados com armaduras de fios de ferro.

Sentido pezame ao *caruncho*.

— As vibrações e trepidações violentas,

causadas pela circulação, em grande velocidade, dos carros automoveis, racham, quebram e separam nas juntas os canos condutores de gaz. Parece que este resultado é devido mais á velocidade do que ao peso dos carros.

— No dia 14 de Novembro proximo dar-se-ha o raro e importante fenómeno da passagem do planeta Mercúrio sobre o sol. O encontro terá lugar pelo meio dia.

— A musica como agente curativo. — Os leitores de certo não ignoram que, desde a mais remota antiguidade se empregou a musica para curar determinadas doenças e não voltariamos ao assunto se ultimamente não tivesse havido um renascimento d'iniciativa no mesmo sentido.

Que é enorme o poder da musica, ninguem o pôde duvidar: *Amphion* dedilhando a lira, construiu Thébas, obrigando as pedras a virem, de *motu proprio* colocarem-se umas sobre outras. *Orfeu* domesticava pelos mesmos processos os mais ferozes animaes e *Esculapio* foi o primeiro, dizem, que applicou a musica á cura das doenças. — *Celso* aconselhava os sons dos tímboles e d'outros instrumentos atroadores para actuar nos espiritos dos alienados. — *Cælius Aurelianus* fala-nos d'um flautista que, mercê dos sons do seu maravilhoso instrumento *encantava as partes dolorosas*, aliviando o doente. *Galéno* considerava a musica como remedio soberano para a cura das mordeduras de viboras e escorpões e *Theophrasto* recommendava-a no reumatismo, gôta e ciática. — Finalmente, pasmem, *Democrito* afirma que a musica cura a peste, o que, a ser verdade applicado hoje, ia dar um trabalho dos demonios ás bandas marciaes e filármonicas sub-urbanas.

Filipe V, d'Hespanha, curou se da sua hipocondria a beneficio d'uma aria que o celebre cantôr *Farinelli* lhe enfiou pelos ouvidos.

O pintôr *Van Der Goes de Gand*, atacado de alienação mental, foi recolhido n'um convento, onde, ouvindo as vozes angélicas dos meninos do côro, entoarem um hymno religioso, voltou rapidamente á saude e á vida.

D. Pedro I, o *Crú*, só encontrava alivio ao desespero causado pêla morte de *Ignês de Castro*, ouvindo o ruido estridente d'uma fanfarra composta de trombétas de prata. — *Berlioz* escreveu o seguinte: «Quando oiço boa musica, tôdo o meu ser entra em vibração, sinto como que uma extranha agitação no sangue e o pulso bate violentamente. Contraem-se-me espasmódicamente os musculos, tremem-me os membros, adormecem-me os pés e as mãos; os nervos são prêsas duma paralisia parcial. Não vejo, não sinto o côro, oiço porem, oiço e oiço bem.

M.^{me} Amelia Holbook, acaba de fazer, n'uma conferencia realisada em New-York, a seguinte espantosa revelação: «As pessoas que tocam piano, violoncello e harpa adquirem rapidamente uma «cabeleira exuberante e basta, as que tocam cornetim e trombone ficam cal-

«vas em pouco tempo». — Estas palavras, á primeira vista provocam um encolher de hombros, não merecem, á luz da sã fisiologia, esse peremptório desprêso. E' o que procuraremos demonstrar ao leitor: será porem n'outro artigo, porquanto este já vae longo e os *Azulejos* já não podem com tanta pintura.

ARIOSTO PALMANDO.

ESPIRITISMO

Submettemos hoje á apreciação dos nossos leitores uma nova communicação espirita, obtida por um medium francez, creado de servir, homem rustico e mal sabendo rabiscar o seu nome.

Impressões da chegada ao outro Mundo

(Communicação feita pelo espirito do padre Didon)

(Versão do francez)

A mais solemne de todas as horas é com certeza aquella em que o corpo mortal, prêso da inercia, permite que a alma imortal quebre os ferros da prisão e vá, curiosa, em busca do seu destino. — E' inevitavel a angustia que esse momento acarreta, inevitavel, mas rapida e passageira.

A unica diferenca que, n'esta occasião existe entre as almas, reside apenas na maior ou menor intensidade da sensação recebida. Pelo que, mais particularmente, me diz respeito, posso dizer afortunadamente que não experimentei surpresas quando entrei n'este mundo em que a divina sabedoria se revela inteira e plena em sublimidade e caridosa previdencia.

Durante a minha vida terrestre, conservei sempre, sepultado no fundo do meu eu animico, um resto de memoria astral e a filosofia espirita que admite vidas successivas encontrou sempre éco nas minhas convicções.

Quando os meus olhos mortaes deixaram de ver a luz, quando exalei o ultimo suspiro do meu corpo terrestre, immediatamente me foi revelado o corpo periespiritual pêlo pensamento, fluctuante a principio e como que entorpecido por esse ultimo esforço da natureza ao projectar no espaço a vida e a alma.

E no meio d'esse torpôr em que mergulhava o meu espirito, subsistia um pensamento unico e dominante. Esse pensamento era o seguinte:

Em quanto vivo, gosára as mais doces alegrias que um homem pode experimentar, a beneficio da preciosa amizade d'um companheiro meu, de estudos e orações, o reverendo e veneravel padre X. — Tive o desgosto de o ver partir para a Eternidade muito tempo antes de mim; a morte porém não o achou desprevenido, porquanto a hora do passamento era o assunto perpetuo de suas preocupações, o continuo objeto de nossas conversas, quando raros momentos de descanso do nosso apostolado permitiam que fallassemos do que supunha-

mos entrevêr apoz o aniquilamento do corpo. E foi assim que fomos levados a fazer uma reciproca promessa que, sempre julgámos, não ofenderia a Divindade: aquelle de nós que precedesse o outro na morada celeste, comprometia se a vir ao encontro do segundo quando este abandonasse a terra.

Apesar, pois, da grande perturbação periespiritual em que me encontrei ao dar o grande salto, não me esqueci do prometimento mutuo e, juntando todas as forças da minha nova maneira de sêr, evoquei esse grande espirito, essa incomparavelmente grande figura moral que fôra na terra o reverendo padre X.

— O amigo não faltou á promessa e por entre a bruma que nos envolvia, vi, ou antes, tive a sensação de que elle estava junto de mim. Sentia-lhe o contacto e o effeito da sua activa caridade. — Algum tempo passado, vi-o nitidamente e quando alfim sai por completo do estado nebuloso, pude precipitar-me em seus venerandos braços, compreendendo ao mesmo tempo que escusava pedir-lhe explicação da vida do alem tumulo. — Sim... voltára-me a memoria precisa e nitida que remonta quasi ás origens da animalidade. — Pude reconstituir assim o systêma universal, comprehendendo de nôvo que o pesadêlo dos dias terrestres, afogado e perdido na eternidade dos séculos, tem mênos valôr, sob o ponto de vista da sua duração, que a fôlha sêca e amarelecida á qual pisâmos sem dar por isso. — O reino de Deus que havia pré-gado durante a minha vida terrêna e breve, appareceu-me de nôvo, como deve sêr realmente comprehendido, isto é, universal, abraçando o mundo inteiro sem distincção de raças, de castas, de religião, tendo por fundamento a esperança inabalavel e por corôa de gloria a caridade subliminal.

A Nossa Estante

Versos d'um contemporaneo

de Rafael Lezameta, prefacio de Gomes Leal

Apezar de sêr um nôvo, o Sr. Lezameta chegou já onde muitos velhos não sobem. Os seus versos são bellos, concituosos e n'elles pôz o poeta toda a generosidade da sua alma.

Ao lêr porem as suas poesias, parecemos que o autôr tem ainda receio de dizêr tudo que lhe vaê lá dentro; tem mêdo que o censurem por sêr, por demais, franco. Vamos!... animo!... Venha de lá tudo! Olhe que elles não merecem commiseracão.

Veja o leitor se deve ou não sêr animado quem faz versos como os que seguem:

O luar é um sorriso
Que afaga a nossa tristeza.
Um astro vago, indecizo,
Esmola da Natureza.

O amor é sonho sem dura
Que a leve sópr se esvae;
E' origem da amargura,
Prolongamento d'um ai.

Mascaras illustres



Almeida Garrett



O phantasma da Alameda

A minha Mãe

Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

Meu irmão, retirou-se, e no dia seguinte, o senhor Luisinho tudo contou ao pae. Chegou a ajoelhar, a evocar a santa memoria de sua mãe, mas tudo foi debalde, o velho foi inabalavel na resolução de negar a ventura, áquellas duas almas, tão dignas de serem felizes.

Luiz, retirara-se desvairado... todo o dia vagueou como louco pelos campos, conservando-se n'uma sua propriedade, até á hora de ir encontrar-se com Magdalena. Não se atrevera a voltar a casa, não queria tornar a ver o verdugo do seu coração.

Não sabia que fazer, o seu cerebro estava aturdido, sentindo-se incapaz de tomar qualquer resolução, de ligar uma idea.

Ao chegar aos Choupos, Magdalena já o esperava ansiosa.

Luiz tudo lhe relatou e cahindo nos braços um do outro, confundiram as suas lagrimas.

Magdalena, dizia-lhe que, o que elle não conseguira do pae, talvez ella o obtivesse.

Luiz dissuadiu-a de tal idea, parecendo a joven annuir aos rogos do seu bem amado.

Mas ainda tinham quinze dias para deliberar... eram novos... amavam-se loucamente... e em breve esquecidas as maguas, se entregariam unica e exclusivamente, á embriaguez do seu amor.

Vinha rompendo a manhã, quando se separaram, despedindo-se até á noite seguinte.

Mas, parecia que não podiam apartar-se... beijaram-se... abraçaram-se... e não se atreviam a partir... um vago presentimento lhes dizia que era aquella a sua última entrevista de amor.

Ao entardecer do dia immediato, batia ao portão do palacio, uma mulher toda vestida de negro, procurando occultar o rosto, nas dobras da mantilha tambem negra, que a envolvia.

O senhor, por certo que já adivinhou que a dama de negro, era Magdalena, que tomara a desesperada resolução, de ir pedir ao conde, se compadecesse do seu estado e olvidasse antigos odios.

A joven, escolhera uma hora em que sabia estar o amante ausente.

O pae de Luiz, ao ser-lhe annunciada a visita de uma mulher nova e formosa, logo suspeitou de Magdalena. Ordenou que fizessem entrar a visitante, e esperou de pé no meio da sala.

Magdalena, ao deffrontar-se com o ancião, vendo o seu olhar penetrante e cruel fixar-se n'ella, sentio que a coragem a abandonava, mas fazendo um esforço supremo, reagiu contra o desanimo que a invadia, dizendo:

— Sou Magdalena de Albuquerque, filha do coronel Ruy de Albuquerque.

O velho, baixou lentamente a cabeça, dizendo com voz aspera:

— O seu nome, senhora, e o de seu pae, não me illudiam sobre o fim da sua vinda a minha casa e espero que em breve me satisfaça a curiosidade... e indicava com um gesto, uma cadeira á joven.

Magdalena, deixou-se cahir sobre a cadeira que o conde lhe indicava.

— Senhor conde, começou com voz supplicante, tremula de lagrimas, seu filho já deve ter dito tudo a V. Ex.^a e peço-lhe, senhor, tenha compaixão de mim!...

— E foi elle que a aconselhou a vir aqui? replicou zombeteiro o cruel conde.

— Juro-lhe, senhor, Luiz não sabe que vim supplicar-lhe que dê pae a uma innocente creaturinha, que de nada é culpada.

— Basta, senhora, é inutil... nunca darei o meu consentimento a tal eniace. Saiba, senhora, que seu pae, é um dos meus maiores inimigos... Não lhe hão-de faltar maridos, d'aquelles que militam no mesmo partido... são capazes de tudo... Arranje assim um pae a seu filho, e escusa de pensar que eu darei algum dia licença, para que meu filho se avilte a tal ponto.

— Senhor, senhor, por piedade... e a pobresinha ajoelhou-se-lhe aos pés, debulhada em pranto... nada mais podia dizer, porque os soluços soffocavam-n'a.

E o velho cego de colera, com os olhos relampejantes, pôz-se impetuosamente de pé, dizendo:

— Retire-se, senhora... meu filho, nunca... comprehenda bem, nunca, emquanto eu fôr vivo, dará o seu nome a filhos que lhe não pertencem... do contrario, a minha maldicão, cahirá sobre elle!...

(Continúa)

No som d'um violino

Jogos florae da Escola Polytechnica

No som d'um violino ha mundos de prazer, ha préces d'amargura, ha gritos de paixão, e aquella massa inerte em si abriga um ser que sente como nós e tem um coração.

Emquanto a prima vibra, eleva-se no ar como que um pranto acerbo enorme e amargurado... parece que a desdita a fêre e a faz chorar lembrando algum amor que morre desprezado!

Quando a segunda géme, ha vozes desditosas, saudades d'affeições d'uma alma triste e só que chora irmãos ou paes, que em horas dolorosas Cahiram no combate e jazem já no pó!

Ha uma indifferença atroz, desconhecida, nas vozes da terceira ao candido vibrar; talvez seja descrente a alma já pendida da corda que vos diz «morri por tanto amar!»

E se o bordão descanta, é uma gargalhada que o ar nos communica ao perpassar veloz, um riso rude e franco, uma ventura amada, que nos dá nôva vida e mata a dôr atroz!

No som d'um violino ha mundos de prazer, ha préces d'amargura, ha gritos de paixão, e aquella massa inerte em si abriga um ser que sente como nós e tem um coração!

Ave Maria

Quando te vejo, Rosinha,
Tão formosa, mas tão fria
Eu murmuro, em voz baixinha:
Ave Maria.

E o ecco, triste, imponente,
Repete p'la serrania,
Com voz cava, bem dolente :
Ave Maria.

HENRIQUE ALFREDO DE SOUZA PINTO



Chegou-nos por acaso á mão um soneto do Ex.^{mo} Sr. Commendador Soares Diniz «Os cabellos» parodia a um outro «Pombas» do poeta brasileiro Raymundo Correia. Pedimos licença para o publicar porque, na verdade o achamos digno d'isso

As pombas

Vae-se a primeira pomba despertada
Vae-se outra... mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada...

E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Rufando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes ;

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam
E elles aos corações não voltam mais...

RAYMUNDO CORREIA.

Os cabellos

Vae-se a primeira folha, vão cahindo
Outras, inda mais outras em seguida,
Ficando a natureza assim, despida,
Logo que o outomno vae fugindo !

Mas quando a Primavera vem surgindo,
Ellas voltam de novo á nova vida
E, com verde ramagem tão florida,
Outra vez, lindamente, a vão vestindo !

Tambem os meus cabellos me cahiram
Como as folhas que os ventos sacudiram
Na furia de terriveis vendavaes !...

Ellas voltam viçosas, verdejantes,
Tão lindas e tão bellas como d'antes ;
Mas os cabellos não : não voltam mais !

JOSÉ DE PAIVA SOARES DINIZ.

Mania nautica

Famelio, era um d'estes solteirões a quem a fortuna legára alguns meios com que prover ás necessidades d'uma vida cheia de episodios.

Seguia a sua *derrota*, sempre de *vento em popa*, como elle dizia, com o espirito absorvido pela mania nautica revellada desde creança.

De constituição regular, mercê dos exercicios de natção a que, sobre a cama, todas as manhãs procedia, os pellos longos e rigidos que lhe ornavam a face, entre-laçados com os que da cabeça lhe pendiam

em farta guedêlha, davam-lhe o aspecto d'um bicho de vulgaridade contestada.

—Tal e qual um *lobo do mar*, pensava comsigo Famelio, quando ao espelho do *toilette*, compunha o collarinho da sua camisa de zephir.

Em certa manhã de abril, Famelio pediu a Felicia, sua creada, as *canôas* de polimento e outros artigos de vestuario para que usava termos nauticos e apropriados.

Vestido de ponto em branco, metteu algumas notas do Banco n'uma carteira a que chamava a sua *boia* de salvção e collocando o chapêu alto ou *caixa da bussola*, saiu, dizendo que ia *aproar* a casa d'um amigo que o convidára a apadrinhar o baptismo do decimo rebento...

Pelo correr da madrugada seguinte, Felicia a quem já sobresaltava o facto de Famelio não recolher á *doca*, decidiu-se a ir em busca do amo.

De indagação em indagação, conseguiu, não sem muito custo, avistar-se com elle ás grades d'um dos calabouços do Governo Civil.

—Meu amo?!!

—Tu, Felicia?!!

Famelio, ao abandonar o pacato festim, viera *singrando* pelas ruas da Baixa de *bombordo* a *estibordo*, pois que o *lastro* recolhido no *porão* tinha-lhe, pela desigualdade, subido até á *bussola* e feito perder o norte á agulha...

Navegava sem *leme*, abalroando ora aqui, logo acolá.

N'um *bordo* mais amplo, tinha apanhado em cheio um *façanhudo* agente da ordem.

Com a violencia, a *caldeira*, já com demasiada pressão, rebentou e o incendio ateiou-se por todo o *navio*...

Uma verdadeira *tormenta* de soccos, pontapés e pranchadas, se desencadeou então.

Famelio com um rombo á *ré*, metterá agua e desapparecera por entre as negras paredes d'um calabouço.

Em 40 annos de existencia nautica, era esta a primeira vez que ia *ao fundo*...

JORZE.

Cara data vermibus...

anima ad astra

Junto do cadaver d'um amigo

Todo o homem é pó e todo o corpo é lama
E todo o pó scintilla e a lama phosphorece,
A alma é uma luz e essa divina chamma
Eternamente vive e brilha e resplandece.

Cadaver putrefacto, abandonado, inerte,
Dormes no teu caixão em gelido lethargo...
Um cyclone de Dor varreu teu pranto amargo
O' Carne a apodrecer, banquete para o Verme...

A Vida, o turbilhão ! A Morte, a paz do Abyssmo
Mas no abyssmo ha luz... Se ás leis do trans-
formismo
O forte luctador irreductivel tomba.

Sobre a arena do Mal, vencido gladiador...
Nimbada a rosicler, na alleiuita do Amor,
Sua alma sobe ao ceu clara, como uma pomba!

EDUARDO METZNER

ILLUSÕES PERDIDAS

EDUARDO SARMENTO

(Continuação)

O pae inflexivel negou a principio mas por fim cedeu, e, eil'a com o seu fatinho domingueiro, cheia de vida a caminho da festa.

Já lá se encontrava o nosso Marcello.

As restantes raparigas vão ao seu encontro, e, então pela primeira vez os seus olhares trocam-se, fallam-se, e inopinadamente n'aquelles dois corações um sentimento sublime desperta, até então desconhecido: «o amor»!

—Mas que amor!—Nos braços um do outro, dançando e entoando-se novas trovas confessam a força irresistivel que os impelle; e os seus labios unem-se dando o primeiro beijo, talvez, para maior prova de confiança!

Joanninha sente-se feliz, e ao entrar na casa paterna não podendo dominar a sua felicidade, a sua alegria, corre pressurosa, abraça seu velho pae e narra-lhe o que havia succedido pedindo-lhe o seu consentimento para mais desafogadamente continuar com o seu namoro.

O pae não suppondo de certo o desgosto, o desespero que lançava no coração da pobre orphã, nega-lh'o e intima-a a que expulse esse homem do seu coração!

Pela primeira vez o dever filial é esquecido, e a pobresita entre soluços, jura que tal não fará!

O amor sae vencedor!!

Procurando os poucos momentos propicios veem-se, fallam-se e juram—abandonando a ira, a ambição do pae—serem um do outro!

N'uma manhã seguinte Joanna sente-se cansada e o pae vae só para o campo, deixando a filha querida envolto nos trabalhos domesticos.

O dia está de verdadeiro inverno. O vento sibila rijamente; o mar investindo com a terra offerece um espectáculo pavoroso.

Marcello vem vêr a sua dilecta, e, esta lhe participa que o pae sentindo-se mal a mandára chamar.

Novos protestos de amor e, resolvem partir.

Joanninha volta para casa com seu pae.

A doença agrava-se; e, ella o trata com desvellado carinho, não desamparando a sua cabeceira, senão para a lide domestica:

Laçando-se de joelhos junto do leito, onde socegava o auctor dos seus dias, novamente supplica o consentimento, a sua benção.....

Este, porem, não se recordando que é pó e cinzas, suppondo-se eterno, não pensando senão na ambição do vil metal origem de innumeradas ignominias, nega... recusa, sempre! Todavia, a esperança não a abandona, mas o seu genio até alli franco, tornou-se reservado, o que toda a gente da aldeia desconhece, e, censurando asperamente o procedimento do pae, lamentam a sorte da humilde e boa Joanninha! (Continúa).

A uma donzella

(Petição)

Meu coração d'amor a transbordar
Por ti, donzella, a quem voto carinho,
E' como um copo, já cheio de vinho,
Onde não cabe mais sem se entornar.

Prestes, vem pois minh'alma socegar,
Senão, a pouco e pouco me definho;
Sem ti, no mundo julgo-me sósinho;
Sinto que a morte não deve tardar.

Oh! se vês em mim alguma cousa
Que valha a compaixão p'ra tanta dôr,
Se não, vou-me matar e n'uma lousa

Peço que este letreiro mandes pôr:
— Aqui, d'um grande tolo, o ser repousa,
Doido varrido que morreu d'amor!

SOARES JUNIOR

Do livro *Coisas do nosso burgo*
a entrar no prelo.

JURAMENTO...

Estou constipado e rouco
Mal se me percebe a falla,
Por ter ido ao Colyseu
Ver os tigres, de bengala...

P'la agua que o ensopou,
O fato ficou qual luva!
Já lá não volto, isso juro,
Sem levar um guarda-chuva.

E, porque este só, não haste
Visto a chuva ser d'escacha,
Vou levar tambem galochas
E capote de borracha.

12/10/907

JORZE.

Pensamentos

A arte é a eternidade— a vida é o minuto.

GUERRA JUNQUEIRO

Quando um Povo, em brados de revolta,
reclama aos poderes a sua Liberdade ataca-
da, julgaes, que esse Povo brada? — Não.
Esse Povo não grita, nada reclama! Quem
verdadeiramente brada é a propria Liberdade
exigindo aos poderes que a respeitem.

BALTHAZAR XAVIER.

Galheteiro

*Em Londres? Oh! em Londres tam-
bem assim succede; ao domingo descan-
ça-se.*

Prégava um homem gordo, de oculos
azues que dizia ter viajado muito, e en-
chia de fumo do cachimbo o comparti-
mento em que vinhamos.

No dia em que cheguei, depois de al-
guns mezes de boa paz no campo, re-
bentára, como uma bomba no meio da
tradicional pacatez dos nossos costumes,
a lei do descanso semanal.

Lisboa fervia desde as praças ás villas,

n'esse borbórinho de opiniões que ferem
os ouvidos, a moral e a grammatica e
trepam do barbeiro á agua furtada com
a rapidez vertiginosa do fogo posto ou
do cobrador de dividas em atrazo.

Os jornaes alinhavam o seu normando
para o combate, a musa dos poetas be-
bia inspirações no azeite e no vinho e
os articulistas philosophando sobre a
triste materialidade das coisas, abriam
e fechavam as suas opiniões, como quem
abre ou fecha as portas á voz do decreto
ditatorial.

Bom ou mau, sem que pretendamos
discuti-lo, como foi elle acceto?

Sem perguntar mais do que o preço
d'esta ou aquella manteiga, o merceeiro,
desenrolla perante a freguezia pasmada
e que não olha a balança, o novello das
suas reflexões, um mixto de colera e
ironia em que não poupa o ministro, as
leis, a policia e os pés do marçano que
pisa no vae-vem a dentro do balcão.

— O descanso? Para quê? Sempre
se viveu como até aqui, sem ser ne-
cessario fechar as lojas aos domingos.

— E a noite para que serve?

— E o nosso dinheiro? Quem nos
indemnisa das perdas que o tal descanso
representa?

E o consumidor, mettendo as mãos
pouco acceiadas por entre o grão cuja
sacca lhe fica perto, responde com
um aceno de cabeça e um abrir de
olhos vago e inconscienté como quem
diz: — é verdade!

E as primeiras razões corroboradas
por esse, ás vezes analphabeto,
tomam um vulto espantoso, engros-
sam e vão até ao murro sobre as la-
tas e ás ameaças com a faca de cor-
tar o queijo.

A victima, que assiste em silen-
cio á tempestade com uma benevo-
lencia verdadeiramente comica, não
se lembrando de que ouve n'este mo-
mento o juiz do seu estomago e da
sua algibeira, recolhe pacatamente as
compras no cabaz, e lá vae com a
doutrina ainda fresca, propagá-la para
casa, como quem faz fogo com polvo-
ra sua, a contradizer a mulher e a
sogra que protestam em detrimento
das leis e agitam o lar n'um dize-tu
dizei eu semanal, ruidoso e alfacinha.

E assim, ao sabbado, as casas pobres
que se não fornecem por junto e as
remediadas que compram fiado, despe-
jam os seus delegados no cortejo
para a mercearia, para o carvoeiro
e para a taberna, onde caixeiros e
patrões, resfolegando e a suar sobre
os generos, pesam á pressa e mal o
assucar, a banha e o arroz, impingem
ovos pôdres e enchem de galão as
garrafas do azeite e do vinagre.

Mas á volta, feitas as provisões
para o dia seguinte, emquanto abre
o chásinho e a mamã calça as pantu-
fas, as filhas concordam que isto a-
nual é bem entendido, nada custa, e
até mesmo serve de distracção, opi-
niões em que abundam os respectivos na-
moros que acompanharam ás compras e
adoram as multidões á noite.

Apenas ao despejar no assucareiro o
contheudo d'um sacco de papel, a Fifi
repara que o assucar não é de dôze mas
sim de onze! Parece terra! Talvez en-
gano, sim, talvez... Mas a manteiga
surge no branco do papel como um pôr
de sol, alaranjado e a trezandar a mar-
garina!

D'esta vez protesta-se. — Não era d'a-
quella, que se tinha pedido! Que não
se gasta de lá mais um vintem! Que
assim, que assado!

Os ovos para o almoço do dia seguin-
te, eram pôdres, mas passado o primeiro
momento de ira contra a *distracção* do
merceeiro, serenam os animos e o caso
serve de assumpto para toda a semana

Portugal pittoresco



A TORRE DA EGREJA DOS JERONYMOS — LISBOA

Photographia do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes

A esta pergunta, qualquer responde
porque todos temos o pessimo séstro de
explicar tudo, mesmo até o inexplicavel.

No emtanto, colhendo aqui e allí o pa-
recer indigena, obtivemos uma *Juliana*
muito accetavel e de certa substancia,
a que procurámos dar o tempero de que
o nosso *Galheteiro* pôde dispôr.

Detesto as *interviews*, como as ma-
nifestações expontaneas. Umás e outras
teem a massada dos ensaios e o defeito
das previsões.

O acaso fornece-nos preciosos elemen-
tos, instantes unicos que escapariam á
melhor Kodak e para os quaes o entre-
vistado não fez a barba, não pôz colla-
rinho e, melhor ainda, não preparou dis-
curso.

até se repetir, em eguaes circumstancias, no sabbado seguinte.

A noite espalha-se nos salsifrés e bo-tequins, onde estafa os pulmões e perde o chapéu recolhendo já dia claro para mudar de fato e lavar a cara, e retomando pallido e alquebrado o seu mister, sob o olhar ameaçador do patrão, que o fita alternadamente com os ponteiros do relógio.

Mas, a bonhomia ratona e original do luso contribuinte, affeito a fornecer assumpto ás chronicas e ás revistas, accieita de bom grado os artigos e as peças, onde os põem a pão e laranja e para os quaes contribue ainda com a esportula que a tabella lhes marca.

Tirar conclusões? Para quê? Vamos indo com os tempos e as leis, dizem quasi todos. Mas estes são os simples, os que não pensam e os que não erram. Mas, — ai de nós! — Ha quem viaje, quem leia e quem abra a bocca para dizer: *Em Londres? Oh! em Londres tambem assim succede; ao domingo descança-se.* — Como se o fumo do cachimbo ainda nos incommodasse pouco.

MISS WHITE

Soneto

Aquellas illusões que eu dantes possuia
Tão cheias de luar, tão cheias d'alvoradas,
Que me faziam sempre ouvir a cotovia
Nas campinas ao sol, a arder illuminadas;

Ambições de creança, instinto de guerreiros,
Que me fez derrotar, esp'rança immorredoura,
C'uma espada de pau exercitos inteiros
Escarranchado, heroe, n'um cabo de vassoura;

Tempos que nunca mais, nunca mais voltarão,
E em que temos avós branquinhas de luar
Fazendo a sua meia á noute, no serão;

Noutes da minha infancia, ó noutes de luar
Qu'eu lembro tanta vez chorando o coração,
Dizei-me: onde estaes vós, qu'inda quero sonhar?!

15-Setembro-1907.

MENEZES FERREIRA

Desejava...

Prendê-la n'um olhar, affogar-me com ella
N'este infinito mar de masculos desejos,
onde ha vagas d'amor ironicos motejos,
sorrisos d'hystrição e prantos de donzella.

Mordicar-lhe nervoso a lactea carne bella
do seu busto gentil; e o olhar, que tem lampejos
morbidos de bacchante, apagal-o com beijos
de cioso chacal... A fera mirando a estrella.

Depois quando a rasão voltasse novamente
a arrefecer-me o craneo acceso, ensandecido,
o meu olhar buscasse o seu olhar ardente,

E lhe visse o palôr do rosto contrahido,
ajoelhar a seus pés e o mais humildemente
beijar-lhe rastejando a fimbria do vestido...

SACRAMENTO J.^o

Cumulos

Construir um microscopio com lentes da Escola Medica.

Prender um criminoso com a corrente do Tejo.

Roer as unhas de fome.

Restituir a fãla a uma baionêta calada.

O Corvo do Mal

À memoria de Edgar Pöe

Quando em seu vôo aitivo energico e veloz
Passou no meu Azul, a crocitar, sinistro,
Nublou-se o meu olhar, velou-se o som do systro,
Secou-se o meu chorar, calou-se a minha voz...

E desde então sente a sua garra atroz
Cravar-se n'este craneo... E a negra fera adunca
Seguir-me n'este mar.—Temivel albatroz! —
... O' Mar da Perdição d'onde não volto nunca...

Vem a Noite tomar das solidões profundas,
Vem quebrar-se a meus pés as ondas gêmeas,
Lucilam pelo ceu os astros de crystal...

A sombra é tumular. Na escuridão maldita
Eu ouço blasphemar um corvo, que crocita
A litania agreste, excentrica do Mal.

EDUARDO METZNER

Comunidade

Passada a Vida o que se encontra alem?
A Morte não é Morte: é o Esquecimento!
A Vida é a duração d'um só momento,
Juncada aqui e alli do Mal, do Bem!

A Vida é transitoria e não ha quem
Por si não peque um tanto de avarento:
A morte é o fim do Goso e Sofrimento,
A porta que intercepta o que contem! —

Oh! Vós que co'os espiritos falaes,
Dizei-me o que vae lá no Reino Ethereo:
Se em lá chegando, todos são iguaes!

Dizei-me e desvendae-me esse Misterio,
Porque, se em vivos somos desiguaes,
Communs, creio, nos torna o Cemiterio!

Inedito

V. SILVA

Lisboa 1907.

Um velho amigo pede-nos a publicação do seguinte:

Ao meu estremecido afilhado Antonio Germond Bezelga.

Sê Português!...

Trovêto

É um vivo madrial
Esse teu olhar, creança:
Tem na cõr o ceu da França
A sorrir a Portugal!

Do materno roseiral
Tens a luz tranquilla e mansa;
Mas no peito a viva esp'rança,
Essa é lusa, fraternal!..

Veio de França n'uma rosa
Essa linda cõr de tez
Da tua face mimosa;

Lá na cõr és tu francês...
Mas na alma valorosa
Has-de ser um Português!..

JORGE CALLADO

Epigramma

Um sapateiro d'escada
Que, em vida, foi remendão,
Foi descalço para a cova
Levou tomba no caixão.

J. P.

A nossa pagina musical

Com prazer registamos o nome d'um novo, Ex.^{mo} Sr. Ruy Coelho, que hoje honra a nossa secção de musica.

A singeleza da sua obra denota raras qualidades de talento, que nos fazem antever um futuro artista.

Não se illuda o novel compositor com louros e palmas de amigos, porque se ás vezes são um bello incentivo, não é menos verdade que tambem podem ser o caminho do affastamento d'um estudo serio, necessario e proveitoso e levam á cabelleira comprida que quasi sempre denota vaidade e relaxamento.

Não esqueça este nosso conselho que é d'um amigo verdadeiro.

Ruy Coelho, de notaveis aptidões para flauta, concluiu este anno d'um modo brilhante o curso d'harmonia no Conservatorio de Lisboa.

João Gagliardi

Este distincto professor d'equitação, por demais conhecido no nosso meio, pela sua grande aptidão e sciencia, bem como pelo seu caracter sincero e puro, mais uma vez quiz honrar-nos com a sua prosa, prometendo para o proximo numero do *Azulejos* um artigo sobre a maneira de preparar um cavallo para longas marchas.



THEATROS E CIRCOS

Theatro de D. Maria II — «*Mar de Lagrimas*» peça em 3 actos, original de João Gouveia e Jorge Santos.

Realisou-se em 10 do corrente, n'este theatro, a primeira recita de assignatura com a estrella de um dos originaes approvados pela commissão de leitura d'aquelle theatro. «*Mar de Lagrimas*» se intitula esse original.

O thema n'elle debatido — o celibato clerical — vejo-o considerado por toda a imprensa como velho e gasto, mas, quanto a nós, velhos e gastos são todos os themas e só novidade pôde haver na maneira de os apresentar e tratar. Senão, vejamos, ainda não ha muito os jornaes alinharam centenaes de adjectivos, aliás merecidamente, ao apreciarem «*A Rajada*» peça de Benostein, e, no entanto, o assumpto n'ella tratado é o velho thema «*adulterio*».

Os auctores do «*Mar de Lagrimas*» e foi n'isto que elles, a nosso vêr erraram, não nos deram processos novos, não atacaram fundo os velhos habitos, não derrubaram preconceitos, antes sem um laivo de revolta, diluiram pelos 3 actos, suavemente, ingenuamente, n'uma linguagem delicada e cuidada, um caso de amores de uma rapariguita por um rapaz, que, sabidas

as contas, também lhe quer e a quem o pae obriga a tomar ordens.

O trabalho dos Srs. João Gouveia e Jorge Santos, comquanto seja uma obra honesta reveladora de talento e aptidões, é falta de arrojo, e de intuitos.

Devemos também dizer que os caracteres são, na sua maioria hesitantes, mal definidos. Apenas o de «Pau Velho» esplendidamente exteriorizado e desempenhado por Ignácio, nos pareceu perfeitamente desenhado.

No desempenho além do artista que acima apontamos, distingue-se mais Adelina Abranches, que nos deu mais uma prova do seu exuberante talento, representando a primor a infeliz «Mariquinhas». Correctos, Anna Pereira, Joaquim Costa e Araujo Pereira.

Luiz Pinto, que nos parece ter carregado um tanto a scena final da peça foi, no restante, muito bem.

A encenação de Araujo Pereira, por esplendida, se deve, quasi na totalidade, o agrado com que a peça foi recebida.

E lá estivemos na geral.

ROMANOL

Porto

Theatro Agua d'Ouro — «Força dos Nervos» Comedia em 3 actos.

Na noite de 11, tivemos, n'este theatro, a primeira representação da desolante comedia «Força dos Nervos». A peça comquanto tenha situações algo picantes, está habilmente feita, isto é com graça e arte.

Do conjunto que é excellente, devemos destacar Mesquita que nos deu com incedível espirito e naturalidade, um *yankee*.

Por lapso, deixámos de apontar o nome d'este artista na critica que no nosso ultimo numero, fizemos aos «Dramas do Povo», quando o seu trabalho, por correcto, merecia ter ficado alli annotado.

Romualdo de Figueiredo, n'um pedante ridiculo, apresentou-nos uma bella caracterização e conseguiu ver o seu trabalho coroado pela gargalhada dos espectadores.

Os restantes concorrem para o agrado da comedia.

A encenação muito cuidada.

Eutro, em ensaios, n'este theatro, com o titulo de «Vingança d'um louco», uma traducção de «El loco de Dios» de Echegaray.

M.

Vida Sportiva

Uma grande excursão em bicycleta

(Continuação)

A's 6 da manhã, depois da habitual gemmada, puz-me a caminho disposto a trepar as duas leguas e meia que me separavam de Lamego. A minha machina, com as nevoas das madrugadas e as poeiras das estradas, chiava como qualquer dos carros de bois pelos quaes passava, visto que até então não tinha tido a caridade de amimar com um só pingo de oleo. As chaves e a almotolia andavam atraz de mim, de estação em estação, mas, até Lisboa, nunca pude haver-as. A sahida da ponte da Regua cederam-me uma canadeta de azeite, e, com o auxilio de uma palhinha, lá lhe forneci aquella «Emulsão de Scott», pela qual ella vinha clamando em altos gritos. Estava um dia de sol adente que me dificultou a subida a qual foi concluida a pé. No hotel tive o prazer de encontrar o meu amigo J. B. Ferreira, de Coimbra, rijo excursionista que, na companhia de outros cavalheiros, andava em uma das suas largas passeiatas. Iam para o Marão, fizeram-me inveja.

Tinha entrado na região montanhosa, portanto, com resignação fiz a sahida de Lamego com mais tres leguas de subida e, para compensar, outras tantas de descida para Castro Daire.

Merendei no hotel das trutas cuja janella da casa de jantar, muito minha conhecida, é interessante pois corta largamente um dos angulos do aposento, e d'ella se disfructa um panorama

magnifico. Parti para S. Pedro do Sul, por caminho bastante accidentado terminando por uma grande e sinuosa descida por entre frondoso arvoredo, chegando ali ás 7 horas, já noite fechada. Esperei um pouco, porque a lua não tardava muito a apparecer, e desculosamente segui para Vizeu fazendo mais uma muito estensa ladeira, facilitada esta pela fresquidão da noite. A minha etape n'aquelle dia até Vizeu, era de 95 kilometros, a maior parte dos quaes em subida, e o dia fora ardente, por isso, quando já a tres kilometros apercebi claramente o amphitheatro das suas luzes, e o luar, agora alto, me mostrava nitidamente a estrada, demorei proposadamente a marcha da minha bicycleta para saborear o fresco e o encanto d'aquella noite magnifica.

Subito sae do portal d'uma propriedade um cão em rapida carreira, toca a roda da frente da minha «Velo», e eu, desequilibrado de surpresa, tombó á esquerda apoiando-me com a mão.

— Demonio do cão! Olha-se venho depressa! E dispuz-me a montar de novo; ao pretender dirigir a machina senti uma dor aguda, attendi, tinha o pulso desarticulado.

Pela primeira vez na minha vida me valeu a anatomia do curso do Lyceu e os 15 valores que o saudoso dr. Serrano me deu na Academia de Bellas Artes. Energicamente, ao mesmo tempo que obrigava o punho a um movimento oscillatorio, compuz o corpo o melhor que pude, socorrendo-me de repetidas inspecções ao pulso direito para modelo do estranho trabalho em que me occupava, dobrei um lenço appropriadamente e liguei n'uma pressão moderada mas que desse consistencia ao pulso.

A minha preocupação foi, desde logo, se eu não poderia concluir a minha viagem, com tanto gosto começada, e deixando já atraz de mim uma das partes mais difficis.

Chegado ao hotel exigi agua muito quente, e, tanto quanto a pude supportar, comecei de dar massagens ao pulso immerso.

O medico que mandei chamar reconheceu a luxação, que eu conseguira reduzir, e ligou-me o pulso e mão sobre compressas de algodão e com ligaduras fornecidas pela pharmacia do Ex.^{ma} Sr. Paes de Figueiredo, o qual formalmente se recusou a receber a sua importancia, quando para esse fim me apresentei, e por cuja gentileza me sinto muito penhorado. Passei mal a noite, e, no dia seguinte, não me sentindo tão bem como depois do meu banho a escaudar, continuei a dal-os acompanhados das massagens. Mais um dia passei, ainda em Vizeu, tratando assim do meu pulso, e, a esse tempo, já em companhia do segundo grupo formado por cinco dos concorrentes. Os oito, que eu ate alli acompanhara, já deviam ir longe. A noite, ao ver partir este grupo, não pude resistir e tentei a experiencia. D'alli a Mangualde são 20 kilometros; em duas horas, ou pouco mais, estaria lá, mesmo que fizesse parte do percurso a pé. Montei a machina e segui, segurando o guidão com as extremidades do polgar e index da mão esquerda, e fazendo uma careta ao passar qualquer pequena cova, ou topar alguma pedrita.

(Continua.)

VARIADADES

Gelée de Leite

Tempera-se um litro de bom e cremoso leite com 500 grammas d'assucar de primeira qualidade e ferve-se durante cinco a dez minutos. Retira-se do lume e coloca-se rapidamente na caixa do gelo, de modo a obter um restrimento brusco e intenso.—Depois, agitando sempre, junta-se ao leite 30 grammas de gelatina fina diluida n'uma chavena d'agua, os sumos de 4 limões e três pequenos calices de marasquino.—A gelée assim obtida guarda-se em copos de vidro e conserva-se em temperatura relativamente baixa.

Errata

Na parte da comunicação, vinda no n.º 3, 2.ª columna da 3.ª pagina, onde se lê «pela palavra que fallasse á vista», deve ler-se: *pela palavra que fallasse ao coração e pelo exemplo que fallasse á vista.*

Semana Alegre

N'um exame:

—Quem era Saturno?

—Um deus que no Olimpo fazia aos filhos o mesmo que na terra os homens fazem aos dinheiros publicos.

—Que differença ha entre a Africa e a America?
—E' que a Africa é a terra das prêtas e a America a terra das pêtas.

POSTA RESTANTE

Toda a correspondencia litteraria deve ser dirigida ao proprietario e director Palermo de Faria, rua de S. Paulo, 216, unico encarregado d'esta secção.

Aspiração. M. V. P. — Os seus versos são, por emquanto, monótonos e destituídos de interesse. Estude os mestres, leia um compendio de metrificação, (ha os magnificos e baratos) e appareça depois. Não desanime... Que diabo! Um homem é um homem e um poeta é... um bicho.

P. C. — Estão simplesmente... errados.

R. C. O. — Veja se obtem coisa melhor, não perbecemos.

Jotaefec. — O seu *ninho* não é de andorinhas é de grifos. Que pena ter suspendido a publicação o periodico a que o destinava... tinha-o salvo

♦♦♦

QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

Afim de tornar mais interessante e proveitosa esta secção, resolvemos offerecer, no final da 1.ª Serie do *Azulejos*, um valioso brinde ao decifrador do maior numero de charadas e enygmas publicados.

Para que haja direito ao brinde é condicção essencial que os decifradores nos enviem, até á quarta feira seguinte á respectiva publicação, a pagina d'esta secção com as decifrações claramente escriptas nos rectangulos collocados na parte inferior de cada enygma ou charada, bem como a indicação, bem legivel, do nome e morada.

Cada folha terá o seu numero de ordem e o decifrador receberá em troca uma senha com equal numero, que entrará em sorteio, no caso de haver mais d'um concorrente.

Para as que nos forem enviadas pelo correio, em vez de senha, publicaremos no jornal seguinte o respectivo numero d'ordem, o nome e morada do remetente.

Decifradores

Em concurso — *Litras* (11).
Fora do concurso — *A. M.*

Decifrações do numero antecedente

Estiolamento—Boivão—Seguidão—Caramello—Rifão—Gilya?—Bronco, ronco—Omnibus—Collete—Calendario—Empatar—Aprisco.

Não damos a decifração da charada reduzida porque, tendo sahido errada, vai repetida n'este numero.

Logogrifos

Appareço nos montes, nos vallados,
Nas sêbes e jardins sou bem vulgar; — 3, 8, 4, 12,
5, 9.
Nos campos de batalha, os meus soldados,
O meu nome tornaram singular; — 1, 8, 7, 11, 9,
5, 14.

Depois, ao terminar a grande lucta,
 Procurei d'estes frades o mosteiro, - 13, 9, 7, 8
 6, 10, 14, 12.
 Onde estive isolado, n'uma gruta,
 Praticando d'acções boas um milheiro; - 13, 2,
 7, 11, 5, 14, 7, 8, 6, 12.

O soberano d'este paiz anda sempre na pan-
 dega-1, 2.

F. R.

VE
CLA

J. F.

Vivendo só de plantas, de nabieças,
 De maças, de cenouras e pimentos,
 Lá fui comendo sempre as hortaliças,
 Para a vida o melhor dos alimentos.

J. P.

Bisada

3-No acto de não querer as cousas *li* a pratica
 das mesmas-2.

LITRAS.

VI TA VI

ALPHA

Rapido

Oceano Prisão
 1, 2, 3 4, 5, 6, 7, 8
 Mulher

J. F.

EN PE DO

ALPHA.

Truncada

O signal está na caixa-2

E. RAMOS

Charadas

Reduzida

A galhofa - 3 -
 - só -
 E' mulher - 2 -

J. L.

Em triangulo

- ... panno
- ... epoca
- ... nota
- ... vogal

E. RAMOS

DO

GAMA.

Novissimas

Este artigo e esta terra são uma estação de
 caminho de ferro-1-3.

A. O.

Augmentativa

A fama tem faculdade em lembrar alguma
 cousa-3.

AUROFUDU

N F P M

2 2 2 2

A. R.

Esta terra, não é terra, mas cidade-1-1.

J. L.

Q C C E M N B O S

I 2 2 I 2 I 2 I 2

A. R.

Enygmas

Typographicos

RAM

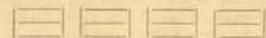
BO

J. L.

No fogo e no moinho se secca a mandioca-1-1.

J. P.

De palitos



Tirando 10 palitos fica uma freguezia.

A. P.

A criminosa, por mais que grite, só tem o fim
 de chamar a atenção-1, 2.

R. S.

KK

TO

ALPHA

Artigos a decifrar. 21.



“A Saude é a Vida”

Quereis tel'a?

Usae o *LICOR RADICAL*

DE

H U M B E R T O D I A S

“Centenas de curas o attestam”

O **Licor Radical** é o depurativo por excellencia para a cura da Syphilis, Rheumatismo agudo e gottoso, eezema, nevralgias, affecções chloroticas, enxaquecas, dilatação d'ovarios, inflamações dos olhos, doenças da pelle e todas as doenças em que se recommende um energico purificador do sangue.

Apresentamos provas e testemunhas insuspeitas.

Exigir sempre a rubrica do autor, afim de evitar as contrafacções prejudiciaes á saude.

Apresentamos provas e testemunhas insuspeitas.

1 Frasco, 1\$200 — 7 Frascos, 7\$000

DEPOSITO GERAL

Pharmacia Luzo-Africana

RUA DA PALMA, 55, 1.º—LISBOA

E nos unicos depositarios em Lisboa

AZEVEDO & FILHOS—Praça de D. Pedro, 31, 32

PARA AS PROVINCIAS

Porte e embalagem gratis. Envia-se todos os esclarecimentos pelo correio. Toda a correspondencia deve ser dirigida a

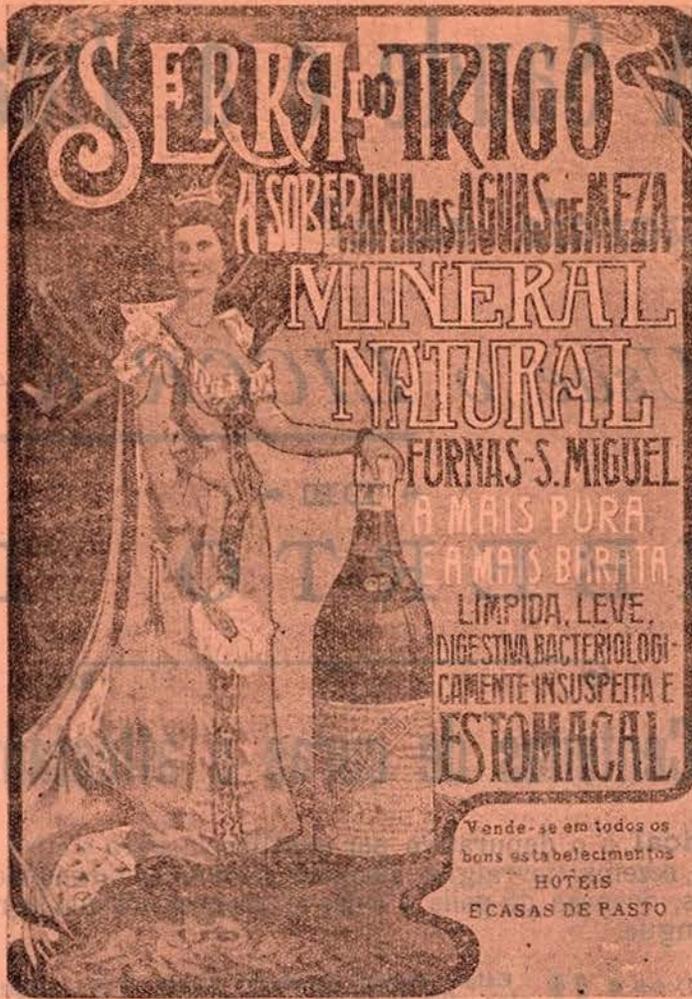
HUMBERTO DIAS—Rua da Palma, 55, 1.º—LISBOA

Bebam só a AGUA DA SERRA DO TRIGO

A Soberana das aguas de mesa

A MAIS PURA. E MAIS BARATA

Depositos Geraes em Lisboa: R. do Instituto Industrial, 19
e Drograria Tavares, R. do Principe defronte do Avenida Palace



Bebam só a AGUA DA SERRA DO TRIGO
A Soberana das aguas de mesa
A MAIS PURA E MAIS BARATA
Depositos Geraes em Lisboa: R. do Instituto Industrial, 19
e Drograria Tavares, R. do Principe defronte do Avenida Palace

LA BÉCARRE

Papelaria e Typographia

F. CARNEIRO & C.^a

47, Rua N. do Almada, 49—Lisboa

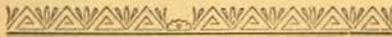
Trabalhos Typographicos em todos os generos

Papeis Nacionaes e Estrangeiros

Especialidade em artigos de desenho e pintura

CHROMOS E ARTIGOS PARA ESCRIPTORIO

DEPOSITO DE BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS



FAZER UMA VISITA

Ménagère de Lisboa

é ficar certo de haver encontrado reunido tudo o que se precisa de **util e necessario, bom e barato.**

Para ter uma habitação confortável, hygienica e commoda o seu proprietario **J. Lino** convida todas as boas donas de casa a visitarem a

Ménagère de Lisboa

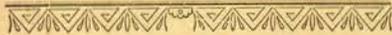
sempre e antes de entrarem em qualquer outro **estabelecimento.**

35, Rua do Caes do Tojo, 35

(AO CONDE BARÃO)

Distante do Rocio 5 minutos e 20 rs. de transporte

TELEPHONE 97



Papeis de credito, cambios e loterias

VIERLING & C.^A LIMITADA

Endereço telegraphico: **STERLING**

NUMERO TELEPHONICO 611

41, Rua do Arsenal, 46 — I, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

LISBOA

FLORES PARA CHAPEUS

Coroas, Bouquets, Flores para jarras etc., etc.

FABRICA DE FLORES ARTIFICIAES

DA

CASA DE NOVIDADES

145, R. do Ouro, 149 — LISBOA

Telephone 1210

Retratos a Crayon a 2:000 réis

Carta a esta Redacção

RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

ARTHUR GOTTSCHALK

Engenheiro

PALACIO FOZ-LISBOA

Teleg: Magneto

Telephone n.º 821

Installações electricas para luz e transmissão de força em cidades, fabricas, theatros, caminhos de ferro etc. etc.

MACHINAS, APPARELHOS E LAMPADAS PARA ELECTRICIDADE

Ventoinhas electricas, Cabos aereos para telephonia e telegraphia, Pára raios, telephones, campainhas.

As installações electricas feitas nas principaes casas de luxo tanto em Lisboa como nas demais cidades do reino são feitas por esta acreditada casa.

Pedir projectos, orçamentos, plantas e conselhos technicos á casa

ARTHUR GOTTSCHALK

PALACIO FOZ-LISBOA

Grillo & Sá

ARTIGOS DE PHOTOGRAPHIA

55 — Rua Nova do Almada — 57

LISBOA



FILTROS CHAMBERLAND SYSTEMA PASTEUR

Os unicos para a absoluta purificação das aguas
Approvados por unanimidade pela Academia de Medicina de Paris.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS — PREMIO MON-
TYON — Exposição Universal de Paris, 1900
— 2 grandes premios — Classes III Hygiene
Geral, 121 Hygiene Militar.

Os Filtros Chamberland Systema Pasteur, são os unicos que pela sua composição especial podem ser radicalmente esterilizados. Adoptados nos Hospitais civis e militares, Sanatorios, Lyceus, Institutos, Clubs e casas particulares.

J. L. DE MEYRELLES

Depositario para Portugal e Colonias
R. Nova do Almada, 79 — LISBOA
NOTA — Remettem-se catalogos illustrados

GRANDE DEPOSITO

DE

MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA



PROPRIEDADE DE "AZULEJOS"

TEMPO DE MINUETTO

Ruy Coelho

PIANO

The musical score is written for piano and consists of eight systems. Each system contains a treble clef staff and a bass clef staff. The key signature is three sharps (F#, C#, G#) and the time signature is 3/4. The score includes various musical notations such as dynamics (f, p, sf, ff, mf, rit poco, rit f, legato e p, P al tempo, morrendo), articulation (trills, slurs), and performance instructions (cresc., do). The piece concludes with a double bar line and repeat dots.

NO PROXIMO NUMERO:
REGRESSO—Marcha por JULIO SIMÕES